

PIPER KERMAN

ORANGE

is the new **BLACK**



OBRA QUE INSPIROU A SÉRIE ORIGINAL DO NETFLIX



| ORANGE |
is
the
new **BLACK |**

ORANGE is the new BLACK

PIPER KERMAN

Tradução de
Cláudio Figueiredo
Lourdes Sette



Copyright © 2010 by Piper Kerman
Arte da série *Orange Is the New Black* © 2014 Lions Gate
Entertainment Inc. e Netflix, Inc.
Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL
Orange Is the New Black

PREPARAÇÃO
Isabela Fraga

REVISÃO
Marcela de Oliveira

PROJETO GRÁFICO DE MIOLO
Donna Sinisgalli

DIAGRAMAÇÃO DE MIOLO
Ilustrarte Design e Produção

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K47o
Kerman, Piper

Orange is the new black / Piper Kerman ; tradução Lourdes
Sette , Cláudio Figueiredo. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca,
2014.

304 p.; 23 cm

Tradução de: Orange is the new black
ISBN 978-85-8057-525-5

1. Kerman, Piper. 2. Prisões - Aspectos sociais. 3. Federal
Correctional Institution (Danbury, Connecticut). I. Título

14-10912

CDD: 365

CDU: 343.811

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3o andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Larry
Para minha mãe e meu pai
E para Pop

Toque os sinos que ainda podem tocar
Esqueça sua oferta perfeita
Há uma fenda, uma fenda em tudo há
É assim que a luz entra
“Anthem”, de Leonard Cohen

Sumário

Nota da autora	11
CAPÍTULO 1. Você vai para onde eu vou?	13
CAPÍTULO 2. Tudo mudou num instante	25
CAPÍTULO 3. 11187-424	41
CAPÍTULO 4. O laranja é o novo preto	60
CAPÍTULO 5. Na toca do coelho	79
CAPÍTULO 6. Alta voltagem	94
CAPÍTULO 7. As horas	111
CAPÍTULO 8. Para deixar as vadias morrendo de ódio	121
CAPÍTULO 9. Dia das Mães	136
CAPÍTULO 10. Minha aluna VC	153
CAPÍTULO 11. Ralph Kramden e o Homem Marlboro	168
CAPÍTULO 12. Verdades nuas	180
CAPÍTULO 13. Trinta e cinco, e ainda viva	195
CAPÍTULO 14. Surpresas de outubro	211
CAPÍTULO 15. Meio assim	225
CAPÍTULO 16. Tempo bom	244
CAPÍTULO 17. Terapia do diesel	259
CAPÍTULO 18. Sempre pode piorar	278
Epílogo	297
Agradecimentos	301

Nota da autora

Este livro é uma memória e foi escrito a partir da minha experiência. Todos os nomes (e, em alguns casos, características marcantes) das pessoas que viveram e trabalharam dentro dos presídios onde estive foram alterados para preservar sua privacidade. As exceções são a Irmã Ardeth Platte e Alice Gerard, que gentilmente me deram permissão para usar seus nomes verdadeiros.

Você vai para onde eu vou?

||||

A área internacional de retirada de bagagem do aeroporto de Bruxelas era espaçosa e arejada, com diversas esteiras girando sem parar. Eu ia de uma a outra, tentando desesperadamente encontrar minha mala preta. Como ela estava cheia de dinheiro do narcotráfico, eu estava mais preocupada do que seria o normal para alguém que perdeu a mala.

Eu tinha 23 anos em 1993 e provavelmente parecia uma jovem profissional ansiosa como outra qualquer. Minhas botas Doc Martens tinham sido substituídas por elegantes sapatos de salto alto de camurça preta feitos à mão. Eu vestia calças pretas de seda e um casaco bege, uma *jeune fille* típica, nem um pouco de contracultura, a menos que você notasse a tatuagem em meu pescoço. Eu havia agido exatamente como me instruíram ao despachar minha mala de Chicago até Paris, onde precisei trocar de avião para pegar um voo curto para Bruxelas.

Quando cheguei à Bélgica, procurei minha mala preta com rodinhas na área de retirada de bagagem. Ela não estava em lugar algum. Tentei reprimir uma onda de pânico e perguntei, em meu francês tosco de escola, o que havia acontecido com minha mala.

— Às vezes, as malas não vão no voo certo — disse um homem grande que trabalhava na área de bagagens. — Espere até o próximo voo de Paris, deve estar nele.

Será que minha mala tinha sido detectada? Eu sabia que era ilegal transportar mais de 10 mil dólares sem declarar, e para piorar esse dinheiro era de um chefe do narcotráfico da África Ocidental. Será que as autoridades estavam à minha procura? E se eu tentasse passar pela alfândega e sair correndo?

Ou talvez a mala realmente estivesse apenas atrasada, e eu estaria abandonando uma enorme quantia de dinheiro que pertencia a alguém capaz ordenar minha morte com um simples telefonema. Decidi que a última opção era ligeiramente mais aterrorizante. Então, esperei.

O voo seguinte que vinha de Paris finalmente chegou. Caminhei hesitante até o funcionário “amigo”, que estava arrumando as malas. É difícil flertar quando se está apavorada. Identifiquei a mala.

— *Mon* mala! — exclamei em êxtase, agarrando a mala.

Agradei a ele efusivamente, acenei com afeição sorridente enquanto passava por uma das portas desguarnecidas que davam para o interior do terminal, onde vi meu amigo Billy me esperando. Nem percebi que não tinha passado pela alfândega.

— Eu estava preocupado. O que aconteceu? — perguntou Billy.

— Vamos pegar um táxi! — respondi, entre dentes.

Só voltei a respirar quando já estávamos no meio de Bruxelas.

MINHA CERIMÔNIA de formatura na Smith College, no ano anterior, aconteceu em um dia perfeito de primavera na Nova Inglaterra. No pátio iluminado pelo sol, gaitas de fole tocavam e a governadora do Texas, Ann Richards, incitava toda a nossa turma a sair ao mundo e mostrar que tipo de mulheres éramos. Minha família estava orgulhosa e radiante quando recebi o diploma — meus pais recém-separados se comportavam muito bem, meus avós sulistas sérios estavam satisfeitos por ver a neta mais velha usando beca e cercada pela elite da sociedade, e meu irmãozinho estava extremamente entediado. Minhas colegas mais organizadas e objetivas seguiram para cursos de pós-graduação ou empregos iniciantes em entidades sem fins lucrativos, ou voltaram para casa — nada incomum durante as profundezas da primeira recessão do governo Bush.

Eu, por outro lado, permaneci em Northampton, Massachusetts. Apesar do ceticismo de meu pai e meu avô, me formei em teatro. Venho de uma família que valoriza a instrução. Éramos um clã de doutores, advogados e professores, com um ou outro juiz, poeta ou enfermeira acrescentados à mistura. Após quatro anos de estudo, ainda me sentia uma diletante, despreparada e desmotivada para a vida no teatro, mas também não tinha um plano alternativo para estudos acadêmicos, uma carreira importante ou o padrão — virar advogada.

Eu não era preguiçosa. Durante a faculdade, sempre trabalhei bastante em restaurantes, bares e boates, conquistando o carinho de meus chefes e colegas de trabalho com muito suor, bom humor e disposição para fazer hora extra. Esses empregos e essas pessoas eram mais meu tipo de gente do que muitas que conheci na faculdade. Estava feliz por ter escolhido Smith, uma faculdade cheia de mulheres espertas e dinâmicas. Mas já não queria saber das expectativas das pessoas em relação às minhas origens. Eu havia me apertado dentro dos limites seguros de Smith, passei nas matérias raspando e agora ansiava por vivenciar, experimentar, investigar. Estava na hora de viver minha própria vida.

Eu era uma jovem culta de Boston, sedenta de contracultura boêmia e sem qualquer plano específico. No entanto, não tinha ideia do que fazer com todo o meu anseio reprimido por aventura, nem de como usar de forma produtiva minha disposição para assumir riscos. Não tinha aptidão para a ciência e para a análise — o que eu valorizava era o artístico, o empenho e a emoção. Fui morar num apartamento com uma colega também formada em teatro e sua namorada artista doida e consegui um emprego de garçomete em um bar-
-cervejaria. Fiz amizade com os garçons, os barmen e os músicos, todos na mesma faixa etária e sempre vestidos de preto. Trabalhávamos, dávamos festas, nadávamos sem roupa, andávamos de trenó, trepávamos, às vezes nos apaixonávamos. Fazíamos tatuagens.

Desfrutei de tudo que Northampton e as redondezas do vale Pioneer tinham para oferecer. Corri quilômetros e mais quilômetros em pistas rurais, aprendi a subir escadas íngremes carregando uma dúzia de canecas de cerveja, cedi a inúmeras tentações românticas com garotas e garotos apetitosos e fui à praia em Provincetown em meus dias de folga no meio da semana durante todo o verão e o outono.

Quando o inverno chegou, comecei a ficar inquieta. As minhas amigas de faculdade me contavam sobre seus empregos e suas vidas em Nova York, Washington e São Francisco, e eu me perguntava que diabo estava fazendo. Sabia que não voltaria para Boston. Adorava minha família, mas queria evitar ao máximo as repercussões do divórcio de meus pais. Pensando em retrospecto, um bilhete da Eurorail ou trabalhos voluntários em Bangladesh teriam sido escolhas brilhantes, mas continuei parada no vale.

Nosso círculo social incluía um grupo de lésbicas impossivelmente elegantes e descoladas de trinta e poucos anos. Essas mulheres mais velhas, sofisticadas e experientes me causavam uma timidez incomum, mas quando várias

delas se mudaram para o apartamento ao lado do meu, ficamos amigas. Entre elas, havia uma do centro-oeste americano, de voz rouca, chamada Nora Jansen, de cabelo castanho-claro encaracolado curto. Nora era baixa e parecia um pouco um buldogue francês ou talvez uma Eartha Kitt branca. Tudo nela era engraçado — sua fala lenta, a voz rouca e mordaz, a forma como ela inclinava a cabeça para encarar alguém com seus olhos castanhos intensos por baixo daquele cabelo, e até mesmo a forma como segurava o cigarro sempre presente, com o punho flexionado e pronto para gesticular. Nora tinha uma forma brincalhona e atenta de cativar as pessoas e, quando dava atenção a alguém, a sensação era de que estava prestes a incluir essa pessoa em uma piada interna. Nora era a única do grupo de mulheres mais velhas que prestava atenção em mim. Não foi exatamente amor à primeira vista, mas em Northampton, para uma garota de 22 anos em busca de aventuras, ela era uma figura intrigante.

E, então, no outono de 1992, ela sumiu.

Reapareceu depois do Natal. Alugou sozinha um apartamento grande, cheio de móveis novos em estilo artesanal e um aparelho de som alucinante. Todas as outras pessoas que eu conhecia dividiam a casa com alguém e se sentavam em sofás de segunda mão, enquanto ela torrava dinheiro de uma forma que chamava a atenção.

Nora me convidou para tomar um drinque, só nós duas, o que era inédito. Seria um encontro romântico? Talvez, já que ela me levou para o bar do hotel Northampton, o lugar nas redondezas mais parecido com o saguão de um hotel de luxo, pintado de verde-claro e com treliças brancas por todos os cantos. Nervosa, pedi uma margarita com sal, o que surpreendeu Nora.

— Não está um pouco frio para uma margarita? — comentou, enquanto pedia um uísque.

Era verdade, os ventos de janeiro deixavam o oeste de Massachusetts um lugar nada convidativo. Eu devia ter pedido algo escuro em um copo menor — minha margarita congelada parecia, naquele momento, ridiculamente juvenil.

— O que é isso? — perguntou ela, apontando para uma pequena caixa de metal que eu colocara na mesa.

A caixa era amarela e verde e, originalmente, servira para guardar pastilhas de garganta. Na tampa, Napoleão olhava fixamente para o oeste, identificável por seu chapéu bicorne e as dragonas douradas. A caixa tinha sido usada como carteira por uma conhecida minha de Smith, uma mulher rica que era a pessoa mais interessante que eu já havia visto. Era da pós-graduação de arte, morava

fora do campus, era irônica, curiosa, gentil e superdescolada. Um dia, admirei a caixa e ela me deu. Era do tamanho perfeito para um maço de cigarros, uma carteira de habilitação e uma nota de 20 dólares. Quando tentei retirar algum dinheiro de minha querida carteira de lata para pagar pela rodada de bebidas, Nora dispensou meu dinheiro com um gesto.

— Onde você esteve todo esse tempo? — perguntei, e Nora me escrutinou como se estivesse me avaliando. Calmamente, explicou que ingressara no tráfico de drogas por intermédio de um amigo de sua irmã, que tinha “contatos”, e que estivera na Europa e fora treinada formalmente nos costumes do submundo por um *marchand* norte-americano que também tinha “contatos”. Ela traficara drogas para dentro do país e recebera uma remuneração generosa pelo trabalho.

Fiquei totalmente desnorteada. Por que Nora me contou aquilo? E se eu contasse tudo para a polícia? Pedi outro drinque, meio certa de que ela inventara tudo e que aquilo era a tentativa de sedução mais estapafúrdia do mundo.

Eu vira a irmã mais nova de Nora uma vez, quando ela veio visitá-la. Ela atendia pelo nome de Hester, gostava das artes ocultas e deixou um rastro de amuletos e quinquilharias feitos de penas e ossos de galinha. Pensei que ela fosse apenas uma versão heterossexual e wicca da irmã, mas, aparentemente, Hester era amante de um chefe do narcotráfico da África Ocidental. Nora contou que viajara com a irmã para Benim a fim de encontrar o traficante, que atendia pelo nome de Alaji e era incrivelmente parecido com MC Hammer. Ela se hospedara na propriedade dele, testemunhara e fora submetida aos cuidados de um “curandeiro” e, agora, era considerada cunhada dele. Tudo soava misterioso, terrível, apavorante, louco — e extremamente empolgante. Era inacreditável que ela, guardiã de tantos segredos terríveis e atormentadores, estava me fazendo confidências.

Era como se, ao revelar seus segredos, Nora tivesse criado um vínculo comigo, e um namoro secreto começou. Ninguém diria que Nora era de uma beleza clássica, mas tinha inteligência e charme de sobra e era mestre na arte de parecer natural. E, como sempre, gosto de pessoas que se aproximam de mim com determinação explícita. Para me seduzir, ela foi persistente e paciente.

Ao longo dos meses seguintes, ficamos muito mais próximas uma da outra, e descobri que muitos conhecidos meus daquela vizinhança trabalhavam em segredo para ela, o que me dava mais segurança. Fiquei hipnotizada pela aventura ilícita que Nora representava. Quando ela ficava uma temporada mais

longa na Europa ou no Sudeste Asiático, eu passava a maior parte do tempo na casa dela, cuidando de seus amados gatos pretos, Edith e Dum-Dum. Ela telefonava de madrugada, do outro lado do globo, para saber como estavam os bichanos, e a linha telefônica clicava e chiava por causa da distância. Mantive tudo isso em segredo — evitava as perguntas dos meus já curiosos amigos.

Uma vez que o negócio era conduzido longe de onde eu morava, a realidade das drogas era uma total abstração para mim. Eu não conhecia nenhum usuário de heroína; e nem pensava no sofrimento do vício. Um dia, na primavera, Nora voltou para casa com um Miata conversível branco novinho em folha e uma mala cheia de dinheiro. Ela jogou as notas na cama e rolou sobre elas, nua e risonha. Era seu maior pagamento até o momento. Em pouco tempo eu já estava correndo no Miata, com Lenny Kravitz perguntando: “Are you gonna go my way?”

Apesar (ou talvez por causa) da situação romântica bizarra com Nora, eu sabia que precisava sair de Northampton e fazer alguma coisa. Minha amiga Lisa e eu vínhamos economizando nossas gorjetas e decidimos que pediríamos demissão do bar e iríamos para São Francisco no fim do verão. (Lisa desconhecia as atividades secretas de Nora.) Quando contei a Nora, ela respondeu que adoraria ter um apartamento em São Francisco e sugeriu que procurássemos um lugar para morar lá. Fiquei surpresa por ela gostar tanto de mim.

Poucas semanas antes de deixarmos Northampton, Nora ficou sabendo que teria de voltar à Indonésia.

— Por que você não vem comigo, me faz companhia? — sugeri. — Você não precisa fazer nada, só ficar por lá.

Eu nunca havia saído dos Estados Unidos. Embora, teoricamente, devesse começar minha nova vida na Califórnia, a perspectiva era irresistível. Eu queria uma aventura, e Nora estava oferecendo uma. Nada de ruim acontecera com os caras de Northampton que ela tinha levado como mensageiros para lugares exóticos — na verdade, eles voltaram com histórias memoráveis, que contavam apenas para um grupo seletivo. Racionalizei que não havia problema em acompanhar Nora. Ela me deu dinheiro para comprar uma passagem de São Francisco para Paris e disse que haveria uma passagem para Bali esperando por mim no balcão da Garuda Air no aeroporto Charles de Gaulle. Simples assim.

A fachada de Nora para suas atividades ilegais era que ela e seu cúmplice, um sujeito de barbicha chamado Jack, estavam lançando uma revista sobre artes e literatura — improvável, mas era bom ser vago. Quando expliquei aos

meus amigos e familiares que ia me mudar para São Francisco e trabalhar e viajar pela revista, todos ficaram surpresos e desconfiados do novo emprego, mas não respondi às perguntas deles, adotando um ar de mulher misteriosa. Ao sair de Northampton e seguir ao oeste com minha companheira Lisa B., senti como se finalmente estivesse começando minha vida. Sentia-me pronta para tudo.

Lisa e eu dirigimos sem parar de Massachusetts até a fronteira de Montana, alternando quem cochilava e quem dirigia. No meio da noite, estacionamos em uma parada de repouso para dormir; quando acordamos, vimos o incrível amanhecer dourado do leste de Montana. Eu não me lembrava de felicidade maior que a daquele momento. Ficamos um tempo naquele estado e depois cortamos Wyoming e Nevada até, por fim, atravessarmos a Bay Bridge e chegarmos a São Francisco. Eu tinha que pegar um avião.

De que eu precisaria para uma viagem para a Indonésia? Não fazia a menor ideia. Em uma mala pequena da L.L. Bean, enfiei uma calça preta de seda, um vestido sem manga, short jeans, três camisetas, uma blusa vermelha de seda, uma minissaia preta, minhas roupas de corrida e um par de botas pretas de caubói. Estava tão animada que me esqueci de colocar um biquíni na mala.

Quando cheguei a Paris, fui direto ao balcão da Garuda pegar minha passagem para Bali. Eles nunca tinham ouvido falar de mim. Nervosa, fui me sentar em um restaurante no aeroporto, pedi um café e tentei decidir o que fazer. Os dias de celulares e correio eletrônico ainda estavam por vir, e eu não tinha ideia de como contatar Nora; pressupus que havia ocorrido algum mal-entendido. Por fim, levantei-me, fui até uma banca de jornal, comprei um guia de Paris e escolhi um hotel barato e perto do centro no sexto distrito. (Meu único cartão de crédito tinha um limite muito baixo.) De meu pequeno quarto, dava para ver os telhados de Paris. Telefonei para Jack, um velho amigo de Nora que naquela época era seu sócio nos Estados Unidos. Falso, arrogante e obcecado por prostitutas, Jack não era uma das minhas pessoas favoritas.

— Estou encalhada em Paris. Nada do que Nora me contou está correto. O que devo fazer? — perguntei.

Jack ficou muito irritado, mas decidiu que não podia me deixar desamparada.

— Procure uma agência da Western Union. Amanhã vou transferir dinheiro para você pagar a passagem.

A transferência demorou vários dias, mas pouco me importei; passei por Paris totalmente empolgada, absorvendo tudo. Comparada à maioria das fran-

cesas, eu parecia uma adolescente, então, para mudar essa imagem, comprei umas meias-calças pretas lindas de crochê para combinar com minhas botas Doc Martens e minha minissaia. Não me importava se algum dia teria que deixar Paris. Estava no paraíso, sozinha.

AO DESEMBARCAR, após um voo de treze horas fedido a cigarro de Paris para Bali, fiquei surpresa em ver Billy, meu ex-colega do bar, esperando por mim, muito alto em relação aos indonésios e com um grande sorriso no rosto sardento. Billy podia ter se passado por meu irmão, ruivo e com olhos muito azuis.

— Nora está esperando no *resort*. Você vai adorar isso aqui! — disse ele.

Quando encontrei Nora em nosso quarto luxuoso, de repente, fiquei sem graça naquele ambiente estranho. Mas ela agiu como se tudo aquilo fosse perfeitamente normal.

Bali foi um bacanal: dias e noites pegando sol, bebendo e dançando até altas horas com a turma de garotos gays que Nora conhecia, pessoas bonitas que quisessem nos ajudar a gastar dinheiro e jovens europeus e australianos que encontramos nos clubes da praia de Kuta. Fui à feira comprar um biquíni e um sarongue, barganhei por máscaras entalhadas e joias de prata e andei pelas ruas de Nusa Dua conversando com os nativos simpáticos. Visitas a templos, *parasailing* e mergulho submarino ofereciam outras diversões — os instrutores de mergulho balineses adoraram o elegante peixe azul de barbatanas longas e encrustado de joias que fora tatuado em meu pescoço lá na Nova Inglaterra e logo me mostraram as próprias tatuagens. Mas as festividades eram pontuadas por telefonemas tensos entre Nora e Alaji, ou entre Nora e Jack.

A forma como o negócio funcionava era simples. Da África Ocidental, Alaji informava a algumas pessoas nos Estados Unidos que ele havia “contratos” para unidades de drogas (em geral, malas feitas sob medida com heroína escondida no forro) disponíveis — as entregas podiam sair de qualquer lugar do mundo. Pessoas como Nora e Jack (na prática, empregados terceirizados) se encarregavam de contrabandear as malas para os Estados Unidos, onde as entregavam a coletores anônimos. Eles eram responsáveis por descobrir como lidar com o transporte — recrutando mensageiros, treinando-os para passarem pela alfândega sem ser pegos, pagando suas “férias” e sua comissão.

Nora e Jack não eram as únicas pessoas com quem Alaji trabalhava; na verdade, Nora agora competia com Jonathan Bibby, o *marchand* que originalmen-

te a treinara para os negócios de Alaji. A tensão que observei em Nora derivava da quantidade de “contratos” disponíveis, se ela e Jack poderiam executá-los e se as unidades de drogas realmente chegariam conforme programado — todos fatores que pareciam mudar de uma hora para outra. O trabalho exigia muita flexibilidade e muito dinheiro.

Quando o dinheiro diminuía, eu era enviada para receber transferências feitas por Alaji em bancos variados — o que já era crime, embora eu não tivesse me dado conta. Quando fui enviada para Jacarta em uma dessas tarefas, um mensageiro pediu para me acompanhar. Ele era um jovem gay de Chicago que curtia muito o estilo gótico, mas estava bem disfarçado de mauricinho descolado e ficou entediado com o hotel luxuoso. Durante o percurso longo e quente pela cidade gigante, ficamos deslumbrados com o engarrafamento, as gaiolas com filhotes de cachorro à venda na beira da estrada e a diversidade humana que a metrópole do Sudeste Asiático oferece. Quando paramos em um sinal, havia um mendigo deitado na rua pedindo esmolas. Sua pele era quase preta por causa do sol, e ele não tinha as pernas. Comecei a abaixar a janela do táxi para lhe dar algumas das centenas de milhares de rupias que eu possuía.

Meu companheiro arfou de surpresa e se encolheu no assento.

— Não! — gritou.

Olhei para ele, enojada e perplexa. O taxista pegou meu dinheiro e o entregou para o mendigo. Viajamos em silêncio.

TÍNHAMOS MUITO tempo para matar. Saímos para nos divertir em clubes de praia de Bali, em bares de sinuca de Jacarta frequentados por militares e em boates como o Tanamur, que eram quase bordéis. Nora e eu fizemos compras, limpeza de pele, ou viajamos para outras partes da Indonésia — só nós duas, as meninas. E nem sempre nos dávamos bem.

Durante uma viagem para Krakatoa, contratamos um guia para nos acompanhar em uma caminhada pelas montanhas, que eram cobertas por mata densa e úmida. Estava quente, e suávamos muito. Paramos para almoçar perto de uma linda piscina natural no topo de uma cascata imensa. Após nadarmos nuas, Nora me desafiou — para ser precisa, ela me desafiou para valer — a pular na cascata, que tinha pelo menos dez metros de altura.

— Você já viu alguém pular daqui? — perguntei ao guia.

— Ah, sim, moça — respondeu ele, sorrindo.

—Você já pulou?

— Ah, não, moça! — respondeu, ainda sorrindo.

No entanto, um desafio era um desafio. Pelada, comecei a descer a rocha que parecia o lugar mais lógico de onde pular. A cascata rugia. Vi a água agitada, opaca e verde lá embaixo. Estava apavorada, e aquilo de repente pareceu uma má ideia. Mas a rocha estava escorregadia e, quando tentei em vão voltar como um caranguejo, percebi que teria de pular; não havia saída. Reuni toda a minha força física e me atirei da rocha, gritando enquanto mergulhava fundo no desfiladeiro verde abaixo. Emergi na superfície rindo, radiante. Minutos depois, Nora saltou gritando da cascata atrás de mim.

Quando emergiu, arfou:

— Você é *louca!*

— Quer dizer que você não teria pulado se eu tivesse ficado com medo? — perguntei, surpresa.

— De jeito nenhum! — respondeu.

Naquele momento, eu deveria ter me dado conta de que Nora não era confiável.

A Indonésia parecia oferecer uma gama ilimitada de experiências, mas havia uma ponta de perigo e ameaça. Eu nunca tinha visto tanta pobreza como a exibida em Jacarta, ou tanto capitalismo desenfreado nas fábricas imensas e no sotaque texano arrastado que se ouvia no saguão do hotel onde os executivos das empresas de petróleo bebiam. Era possível passar uma hora agradável no bar conversando com um britânico idoso sobre seus valiosos galgos lá na Grã-Bretanha e os charmes de São Francisco, mas, ao lhe dar o cartão de visitas, ele explicava, casualmente, que era contrabandista de armas. Quando saí do elevador no topo do Jakarta Grand Hyatt ao anoitecer, deparei-me com um jardim exuberante e comecei a correr pela pista que circundava o telhado, ouvi o chamado mulçumano para orações ecoando de mesquita em mesquita pela cidade toda.

Após várias semanas, fiquei ao mesmo tempo triste e aliviada ao me despedir da Indonésia e retornar ao Ocidente. Sentia saudades de casa.

Por quatro meses de minha vida, viajei constantemente com Nora, parando de vez em quando nos Estados Unidos por alguns dias. Vivemos em uma tensão constante, mas também sentimos um tédio imenso. Eu quase não tinha nada para fazer a não ser acompanhar Nora enquanto ela lidava com as “mulas”. Eu ficava vagando pelas ruas daquelas cidades estranhas completamente

sozinha. Sentia-me desconectada do mundo bem à minha frente, uma pessoa sem propósito ou lugar. Não era essa a aventura pela qual ansiara. Mentia para minha família sobre todos os aspectos de minha vida e estava ficando cansada de minha “família” adotiva do mundo das drogas.

Durante uma breve parada nos Estados Unidos para visitar minha família verdadeira e muito desconfiada, Nora telefonou dizendo que precisava me ver em Chicago. O aeroporto O’Hare era conhecido como “seguro”, seja lá o que isso significasse, e era a porta de entrada das drogas. Encontrei-a no hotel Congress, na avenida Michigan. *Que lugar horrroso*, pensei. Estava acostumada ao Mandarin Oriental. Nora explicou concisamente que precisava que eu pegasse um voo no dia seguinte levando dinheiro para Bruxelas. Ela precisava fazer isso para Alaji, e eu precisava fazer isso por ela. Nora nunca me pedira nada, mas naquele momento estava pedindo. No fundo, senti que eu tinha procurado aquela situação e não podia recusar. Estava apavorada. E concordei.

NA EUROPA, as coisas degradingolaram. Nora estava com cada vez mais dificuldade para manter seus negócios, assumia riscos exagerados com os mensageiros, e isso era muito assustador. Jack, o sócio dela, nos encontrou na Bélgica, e as coisas foram de mal a pior rapidamente. Achei-o ganancioso, lascivo e perigoso. E via que Nora confiava muito mais nele do que gostava de mim.

Eu estava apavorada e muito triste e, durante nossa viagem da Bélgica à Suíça, não falei quase nada. Caminhei deprimida por Zurique, sozinha e sem amigos, enquanto Nora e Jack tramavam. Vi *O piano* três vezes seguidas, grata por ser transportada para outro lugar e época, chorando baixinho durante o filme todo.

Quando Nora me informou, sem rodeios, que queria que eu transportasse drogas, entendi que meu único valor para ela era como um meio de ganhar dinheiro. Obediente, “perdi” meu passaporte e tirei um novo. Ela me vestiu com pérolas, óculos e um par horrível de sapatos. Tentou em vão usar maquiagem pesada para esconder o peixe tatuado em meu pescoço. Disseram-me para cortar o cabelo num estilo conservador. Em uma tarde de sábado fria e chuvosa, tentando encontrar um cabelereiro que transformasse minhas tranças louras enormes em algo apresentável, entrei encharcada em um salão minúsculo, o quinto que tentara. Os quatro primeiros me haviam recebido com uma frieza suíça, mas, no quinto, um agradável sotaque familiar me perguntou:

— Precisa de ajuda?

Quase chorei quando vi a pessoa que perguntava — um americano jovem e gentil chamado Fenwick que se parecia com Terence Trent D’Arby. Ele pegou meu casaco molhado, me fez sentar em uma cadeira, me ofereceu chá quente e cortou meu cabelo. Ele foi curioso, mas compreensivo quando me neguei a dar explicações sobre mim ou minha presença no salão. Ele falou de Nova Orleans, de música e de Zurique.

— É uma ótima cidade, mas temos um problema terrível de heroína aqui. Você vê as pessoas simplesmente deitadas nas ruas, fora de si.

Senti vergonha. Quis voltar para casa. Quando saí do salão, agradei Fenwick profusamente, o único amigo que eu fizera em meses.

A qualquer momento, com um telefonema, minha família teria me ajudado a sair daquela confusão em que eu me enfiara, mas nunca dei esse telefonema. Achei que precisava enfrentar tudo sozinha, contando apenas com a gentileza de estranhos como Fenwick. Sozinha assumira essa desventura e sozinha a levaria até o fim, embora eu estivesse, naquele momento, petrificada de medo pela possibilidade de que o desenlace fosse muito ruim.

Nora e Alaji desenvolveram um esquema elaborado e arriscado para trocar malas dentro do aeroporto de Zurique, mas, felizmente, as drogas que ela queria que eu levasse nunca apareceram e, por pouco, não me tornei uma traficante de drogas. A ocorrência de um desastre era apenas uma questão de tempo, e aquilo tudo era muito para mim. Eu sabia que precisava escapar. Quando voltei aos Estados Unidos, peguei o primeiro voo para a Califórnia. Na segurança da Costa Oeste, rompi todos os laços com Nora e deixei minha vida criminoso para trás.

“Amei este livro. É uma história de redenção divertida e comovente. Fiquei impressionada pela afeição, compaixão e até mesmo reverência que Piper Kerman exhibe por todas as mulheres que conheceu enquanto esteve presa. Vou me lembrar disso para sempre.”

ELIZABETH GILBERT, AUTORA DE *COMER, REZAR, AMAR*

“É impossível largar este livro. Piper poderia ser você. Ou sua melhor amiga. Ou sua filha.”

LOS ANGELES TIMES

LIONSGATE

NETFLIX

ISBN 978-85-8057-525-5



www.intrinseca.com.br